

A VOZ DE ANA MARIA MACHADO NA TRADUÇÃO DE
*THE SECRET GARDEN*¹

Jacinta V. Gomes

Universidade Federal de Santa Catarina

Lincoln P. Fernandes

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

No contexto dos Estudos da Tradução, pesquisas realizadas no âmbito da Literatura Infantojuvenil vêm ganhando significativa atenção devido à importância do papel mediador do tradutor desse gênero literário e às especificidades do público-alvo. O objetivo deste artigo é mostrar como a voz de Ana Maria Machado, tradutora da obra *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, se evidencia na construção da narrativa em português brasileiro, intitulada *O Jardim Secreto* (1993). Para este fim, faz-se uma análise comparativa entre o texto-fonte e o texto-alvo, por meio de um sistema com base em corpus paralelo, o COPA-TRAD – Corpus Paralelo de Tradução (FERNANDES & SILVA, 2016). A base teórica informando o estudo focaliza, principalmente, no conceito de *voz de tradutor* como *presença discursiva* (HERMANS, 2010). Adicionalmente, os procedimentos de tradução aplicados aos itens de especificidade cultural (FRANCO AIXELÁ, 1996) foram adotados como categorias de análise e descrição das práticas tradutórias sob investigação. Os resultados apontam para a presença discursiva da tradutora como uma voz diferencial que se manifesta mais explicitamente através de procedimentos de tradução, onde é fornecida ao leitor infantojuvenil uma referência cultural inserida no discurso do texto traduzido.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil, voz do tradutor ou presença discursiva do tradutor, narrativa, itens de especificidade cultural.

Abstract

In the context of Translation Studies, studies carried out within the scope of Children's Literature have gained significant attention due to the importance of the mediating role of the translator of this literary genre and to the specificities of the target audience. The purpose of this article is to show how Ana Maria Machado's voice as the translator of the book *The Secret Garden* (1911), written by Frances Hodgson Burnett, is evident in the construction of its Brazilian Portuguese narrative, entitled *O Jardim Secreto* (1993). For this purpose, a comparative analysis is made between the source text and the target text through a computational system based on a parallel corpus, COPA-TRAD – Translation

¹ Este artigo apresenta uma versão inédita e não publicada dos resultados da pesquisa de mestrado de Jacinta Vivien Gomes realizada em 2011, intitulada “A Voz da tradutora como presença discursiva na tradução de *The Secret Garden*”.

Parallel Corpus. The theoretical framework informing the study draws on the concept of *translator's voice* as *discursive presence* (HERMANS, 2010). Additionally, the procedures of translating culture-specific items (FRANCO-AIXELÁ, 1996) were adopted as categories of analysis and description of the translation practices under investigation. The results point to the translator's discursive presence as a differential voice which manifests itself most explicitly through translation procedures in which the reader is provided with a cultural reference inserted in the discourse of the translated text.

Keywords: Children's literature, translator's voice or discursive presence, narrative, culture-specific items.

1. Prenúncios de uma voz mediadora

Em nenhum outro lugar o papel mediador do tradutor é tão evidente como na tradução de literatura infantojuvenil (COILLIE & VERSCHUEREN 2006, p. vi, tradução nossa)².

Na Literatura Infantojuvenil, o contato entre os clássicos universais e o receptor infantojuvenil se dá através da presença de um mediador, um tradutor, que por meio da linguagem decodifique os significados, levando em consideração o emissor, a habilidade de leitura e de compreensão do leitor e seu contexto cultural. Assim, devido às especificidades desse leitor, o sistema de opções do tradutor de Literatura Infantojuvenil (doravante LIJ) é mais limitado, não significando, porém, que demanda menos, ou que se exige menos habilidade linguística e cultural do tradutor desse gênero literário do que na literatura adulta. Ao contrário, demanda um desafio a mais, o de ajustar-se, por meio de uma linguagem acessível (fácil e compreensível), criativa e lúdica, às funções básicas da LIJ encontradas no texto-fonte, entre as quais, destacam-se a de entretenimento, social, ideológica, intelectual e educacional.

Pode-se verificar uma unanimidade de opinião entre teóricos dos Estudos da Tradução (OLOHAN, 2004; COILLIE, 2006; BAKER, 2010; HERMANS, 2010 LATHEY, 2010) em relação ao papel mediador do tradutor literário, os quais afirmam que sua voz como presença discursiva no texto traduzido está cada vez mais audível e, segundo Coillie (2006, p. v), muito mais perceptível na tradução de LIJ, que tem como público leitor a criança e o jovem adolescente. Onde, então, o tradutor tem mais liberdade na tradução do texto, podendo manipulá-lo “de várias formas, adaptando-o, ampliando-o, encurtando-o ou omitindo ou adicionando ao texto?”³ (SHAVIT, 1986, p. 112, tradução nossa). O que significa dizer que o tradutor de LIJ interfere no discurso do texto que traduz, evidenciando sua voz, de modo a adequar o texto traduzido ao nível de compreensão e facilidade de leitura do público-alvo, infantojuvenil?

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é mostrar como a voz de Ana Maria Machado, tradutora da obra *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, se evidencia na construção da

² Nowhere else is the mediating role of the translator so strongly felt as in the translation of children's literature (COILLIE & VERSCHUEREN, 2006). Doravante todas as traduções e grifos nos excertos dos textos fonte e alvo, aqui apresentados, são de nossa autoria.

³ “[...] in various ways by changing, enlarging, or abridging it or by deleting or adding to it” (Shavit, 1986, p. 112).

narrativa em português brasileiro, intitulada *O Jardim Secreto* (1993). Para este fim, utiliza-se um sistema computacional com base em corpus paralelo, o COPA-TRAD – Corpus Paralelo de Tradução para descrever e analisar as práticas tradutórias em relação aos Itens de Especificidade Cultural (IECs) propostos por Franco Aixelá (1996). Para clarificar o conceito de IECs, adotamos a definição proposta por Franco Aixelá (1996), que descreve IECs como elementos textuais com funções e conotações específicas que representam um desafio tradutório devido à sua singularidade cultural. Exemplificando, o termo *glass frame*, considerado um IEC em nossa análise, foi categorizado como tal devido ao seu papel único em contextos de jardinagem ingleses específicos, que pode não ser diretamente compreensível em culturas sem invernos rigorosos. Este e outros IECs foram identificados e analisados usando a ferramenta Copa-Conc do COPA-TRAD (vide Método), que nos permitiu examinar sua tradução para o contexto brasileiro.

A base teórica informando este estudo baseia-se, principalmente, no conceito de *voz de tradutor* como *presença discursiva* (HERMANS, 2010) e os procedimentos de tradução aplicados aos itens de especificidade cultural propostos por Franco Aixelá (1996). A escolha de fundamentar este estudo principalmente nas teorias de Theo Hermans (2010) sobre a *voz do tradutor* como *presença discursiva* reflete o enfoque específico do nosso artigo: explorar a manifestação da voz tradutória na literatura infantojuvenil traduzida. Enquanto Venuti (1995) fornece uma análise profunda sobre a invisibilidade do tradutor e as dinâmicas culturais e editoriais predominantemente no contexto norte-americano, suas teorias centralizam-se mais amplamente nas políticas de tradução e na relação entre tradutores e o mercado editorial. Em contraste, Hermans discute a tradução narrativa com um enfoque mais alinhado ao papel ativo do tradutor na mediação cultural e na recriação do texto para um novo público. O artigo visa especificamente examinar como a tradutora Ana Maria Machado transpõe elementos culturais específicos do texto-fonte inglês para o português brasileiro, uma abordagem que se alinha com a ideia de Hermans (2010) sobre o tradutor como um agente ativo que toma decisões ao produzir o seu texto traduzido e adota uma nova voz culturalmente contextualizada. Assim, a inclusão mais detalhada das teorias de Venuti não se mostrou essencial para os propósitos específicos deste estudo, que requer uma análise cujo enfoque está na interação narrativa e cultural dentro do texto traduzido.

Este artigo está organizado da seguinte forma: após uma breve introdução onde foi informado também o objetivo deste artigo, na próxima seção, revisitamos os conceitos e noções teóricas básicas, informando o estudo ora proposto. Isso será feito juntamente com as categorias de análise aqui adotadas. Em seguida, delineamos o aparato metodológico utilizado para investigar a voz tradutória de Ana Maria Machado. Na penúltima seção, analisamos as práticas tradutórias sob investigação, ao passo que, na última seção, discutimos os resultados alcançados.

2. A voz do tradutor como presença discursiva

O papel do tradutor constitui um dos paradoxos existentes na tradução literária, devido ao fato de tradução ser entendida, cultural e ideologicamente, por teóricos, tradutores profissionais e até mesmo pelo leitor, como uma reprodução fiel do seu original (ver VENUTI, 1995; HERMANS, 2010; OLOHAM, 2004; BAKER, 2010; LATHEY, 2010). O que leva o leitor a acreditar, ao ler uma tradução, que está lendo o original.

Nesse sentido, algumas questões são levantadas por Hermans em seu artigo seminal *The Translator's Voice in Translated Narrative*. Ele questiona esse aspecto ilusório da tradução

“transparente e coincidente”⁴ (HERMANS, 2010, p. 197, tradução nossa), onde o tradutor cumpre seu papel e desaparece sem deixar vestígios. E, ainda, sobre a voz que produz o discurso na tradução de narrativas de ficção.

Pode-se levantar, aqui, a seguinte questão: qual é o verdadeiro papel do tradutor na tradução literária? Seria apenas o de reexpressar as ideias do autor do original, marcando a diferença de status entre este e sua tradução, declarando-a como uma “‘verdadeira cópia’ do original”⁵ (ibid.) Hermans (ibid., p. 198) sugere que, sob a concepção de tradução fluente e transparente, tem sido exigido do tradutor total discrição e não interferência. Contudo, ainda de acordo com Hermans (ibid.), esse efeito é uma ilusão, já que é o resultado da interferência crucial do tradutor. Essa interferência é indispensável devido “aos vários processos assimétricos interlinguais e interculturais que ocorrem na operação tradutória”⁶ (ibid., p. 196, tradução nossa). Por conseguinte, a concepção do papel do tradutor é paradoxal.

Hermans (2009, p. 96) argumenta, com base nos apontamentos de Pym sobre aspectos éticos da tradução (1992a, 1997, 2002, 2004), que num espaço intercultural, como no que ocorre a tradução, a função do tradutor é a de mediar todas as instâncias envolvidas no ato da tradução, buscando benefícios a todos os envolvidos. Segundo Hermans, então, o papel do tradutor é o de encontrar um caminho por entre as barreiras impostas pelas normas pelas quais a tradução é circundada, de modo a efetivar a comunicação interlingual. Com base na noção de Folkart (1991) de tradução como uma reenunciação, Hermans (2010, p. 201) vê o tradutor como um reenunciador. E como tal, ao reenunciar a mensagem do texto-fonte a um novo contexto, estabelece uma posição de sujeito no discurso que constrói (ibid., 2009, p. 96).

Tomando de empréstimo um modelo-padrão que representa um texto narrativo em geral e sua estrutura comunicativa, onde o discurso é produzido por um Narrador, Hermans (ibid., p. 197) questiona quem seria o Narrador na tradução de um texto literário. Então, ele argumenta que os modelos-padrão de narrativa comunicativa existentes não dão conta de traduções, pois suprimem a importante presença do tradutor. Hermans (ibid., p. 198) sugere que há uma “segunda”⁷ voz no discurso de narrativas traduzidas, à qual ele se refere como voz do tradutor, cuja presença discursiva está, frequentemente, encoberta pela do narrador, compondo um discurso unívoco. No entanto, o verdadeiro interesse desse teórico é a voz distintiva e ativa do tradutor indicando sua presença discursiva no texto que traduz. O autor ainda aponta para três situações em que a voz do tradutor como presença discursiva no texto traduzido se manifesta (HERMANS, 2010, pp. 198-200): 1) A situação em que o tradutor fornece um referencial informativo para garantir que a comunicação flua no contexto da cultura de chegada. Essa situação é representada por meio de comentários do tradutor em prefácios, notas explicativas paratextuais e explicações referenciais inseridas no discurso da tradução. 2) Quando o texto é caracterizado por “autorreflexividade e autorreferencialidade” (p. 199), envolvendo o próprio meio de comunicação, como, por exemplo, quando explora trocadilhos ou polissemia ou quando o autor do original se dirige ao tradutor diretamente. 3) E em casos de *sobredeterminação contextual*, características e indicações que criam lacunas de credibilidade que só podem ser resolvidas pelo leitor quando se conscientiza de que está lendo uma tradução (p. 199-200).

⁴ “[T]ransparency and coincidence”, termos utilizados por Hermans (HERMANS, 2010, p. 197) ao explicar os paradoxos da tradução.

⁵ “[T]ruly copy’ of the original” (ibid.).

⁶ “[...] on the various asymmetrical interlingual and intercultural processes, taking place in the operation [...]” (ibid., p. 196).

⁷ As aspas em ‘segunda’ são de Hermans (ibid.), quando define voz do tradutor.

Dentre as três situações apontadas por Hermans (2010, p. 198-200), a única de interesse deste artigo é a primeira situação e, especificamente, o procedimento tradutório onde há a adição de explicações inseridas no discurso, adequando o texto à compreensão do leitor. Procedimento este que evidencia a voz da tradutora, como no caso do exemplo extraído do livro *O Jardim Secreto*, tradução de Ana Maria Machado, corpus desta pesquisa: “[...] se quisesse agradar a patroa, que na Índia eles chamam de *Mem Sahib* [...]” (p. 1). Neste caso, há a explicação referencial, *que na Índia eles chamam de Mem Sahib*, para o termo *patroa*, termo escolhido pela tradutora para explicar o significado do termo estrangeiro.

Hermans (2010, p. 199) aborda a complexidade da tradução ao introduzir o conceito de *leitor presumido* — uma figura central que orienta as decisões do tradutor. Diferente do leitor original do texto-fonte, o leitor presumido pertence a um contexto distintamente diferente — linguística, geográfica, temporal e socialmente. Este novo contexto implica que o texto traduzido deve ser adaptado para atender às expectativas e ao entendimento deste novo público. Quando surge o risco de que elementos do texto-fonte possam ser mal interpretados ou não sejam compreendidos, cabe ao tradutor atuar como um mediador cultural, adaptando o texto para assegurar sua acessibilidade e relevância para o leitor presumido.

Hermans (ibid., 198) também discute a visibilidade da presença discursiva do tradutor, que é influenciada pelas escolhas tradutórias realizadas. Essas escolhas podem resultar em uma tradução em que a voz do tradutor está completamente oculta, mantendo o que Hermans (ibid.) chama de uma “tradução fluente e transparente” (Cf. Venuti, 1995). Alternativamente, a voz do tradutor pode emergir mais visivelmente, sobretudo em casos em que há manipulações ideológicas, ou pode até apresentar-se como uma voz híbrida e plural, caracterizando assim um discurso diferenciado e rico em nuances culturais.

Portanto, a tradução é vista neste estudo como um processo assimétrico, interlingual e intercultural, onde o tradutor não apenas transfere o texto de uma língua para outra, mas o reenuncia, estabelecendo-se como um sujeito ativo no discurso. Este papel do tradutor como reenunciador permite que ele imprima uma nova voz ao texto traduzido, influenciando diretamente a forma como o texto é recebido pelo leitor. Na próxima seção, será abordada a presença discursiva do tradutor aplicada aos itens de especificidade cultural, segundo a visão de Franco Aixelá (1996).

3. Presença discursiva do tradutor aplicada aos itens de especificidade cultural

A presença discursiva do tradutor será analisada neste artigo em nível de linguagem e de contexto cultural, mais especificamente, aplicada aos itens de especificidade cultural (doravante IEC), que aqui são definidos por Franco Aixelá (1996) como

[...] itens textualmente concretizados, cujas funções e conotações no texto de origem envolvem um problema de tradução para o texto de chegada, sempre que esse problema deriva da inexistência do referido item ou de sua diferença de status intertextual no sistema cultural dos leitores do texto de chegada (FRANCO AIXELÁ, 1996, p.58).⁸

⁸ “[T]hose textually actualized items whose function and connotations in a source text involve a translation problem in their transference to a target text, whenever this problem is a product of the nonexistence of the referred item or of its different intertextual status in the cultural system of the readers of the target text” (FRANCO AIXELÁ, 1996, p. 58).

Segundo Franco Aixelá (ibid.), na tradução, sempre há o envolvimento de uma ou mais culturas, o que implica na instabilidade do poder da exportadora em relação à cultura receptora. Contudo, as decisões quanto à tradução são tomadas de acordo com o novo contexto cultural.

Portanto, elaborar um instrumento de análise de IECs constitui um problema, sugere Franco Aixelá (ibid., p. 56), já que tudo numa língua é produzido culturalmente. A começar pela própria língua. Qualquer item linguístico pode ser considerado um IEC, dependendo apenas de como ele é percebido na cultura receptora. O caráter dinâmico desses itens permite a evolução linguística intercultural entre comunidades linguísticas. Franco Aixelá (ibid., p. 57) pontua que os IECs estão, geralmente, relacionados às instituições locais, ruas, figuras históricas, nomes de lugares, nomes próprios e em diversas áreas de cada sistema linguístico, que trazem dificuldades na tradução. Dificuldades, essas, proporcionadas pela lacuna cultural existente entre a língua do texto-fonte e a língua do texto de chegada.

De acordo com Franco Aixelá (1996, p. 59), os IECs geralmente pertencem a duas categorias: nomes próprios e expressões comuns (objetos, instituições, hábitos e opiniões restritas a cada cultura e que não podem ser incluídas na categoria dos nomes próprios).

Considerando a importância da categorização numa análise e que uma classificação é constituída por um conjunto de categorias (ibid., p. 95), aqui, foram adotados os procedimentos⁹ de tradução de Franco Aixelá (ibid.), segundo sua categorização, aplicada aos IECs. Essas categorias possibilitam um maior detalhamento na análise e descrição da presença discursiva da tradutora categorizada por Hermans (2010) ou das suas interferências detectadas na tradução, objeto deste estudo.

Em sua classificação dos procedimentos tradutórios dos IECs (Tabela 1), Franco Aixelá (1996, p. 1) organiza as categorias de acordo com o grau de manipulação intercultural. Esse teórico propõe uma divisão em dois grupos, numa escala do menor grau ao maior grau de manipulação intercultural, de acordo com sua natureza conservativa e substitutiva. “A escolha entre esses procedimentos tradutórios mostrará, entre outros fatores, o grau de tolerância da sociedade receptora e sua própria solidez”¹⁰, afirma Franco Aixelá (ibid., p. 54).

Quadro 1: Classificação dos procedimentos tradutórios de Franco Aixelá(1996) segundo o corpus de estudo

A. CONSERVAÇÃO	B. SUBSTITUIÇÃO
A.1 Repetição	B.1 Sinonímia
A.2 Adaptação Ortográfica	B.2 Universalização Limitada
A.3 Tradução Linguística	B. 3 Universalização Absoluta

⁹ Para fins deste estudo será adotado o termo *procedimento*, conforme a definição de Fernandes (2004, p. 64): “Procedimentos são vistos como registros de tipos de comportamentos translacionais, os quais o tradutor pode exibir depois de lidar com um determinado elemento como evidenciado na formulação do texto traduzido.”

¹⁰ “The choice between these strategies will show, among other factors, the degree of tolerance of the receiving society and its own solidity” (FRANCO AIXELÁ, 1996, p. 54).

A.4 Glosa Extratextual	B.4 Naturalização
A.5 Glosa Intratextual	B.5 Exclusão
	B. 6 Criação Autônoma

Passa-se agora à definição de Franco Aixelá (1996, p. 61) para os procedimentos de tradução propostos em sua classificação. Contudo, só serão apresentadas aqui, as definições dos procedimentos detectados no corpus de estudo¹¹.

3.1 Conservação

Repetição: neste procedimento, há a repetição do termo original, onde o tradutor tenta manter tanto quanto possível a referência do original e, por isso, Franco Aixelá (ibid., pp. 61-62) chama esse procedimento de “respeitoso”. Ele alerta, no entanto, para um dos paradoxos da tradução, casos em que um determinado item lexical é absolutamente idêntico na sua forma escrita, porém, pode ter um significado absolutamente diferente no meio receptor.

Exemplo 1:

TF: [...] pronouncing his words in a queer broad fashion which Mary found out afterward was **Yorkshire**. (p. 19)

TT: [...] pronunciando as palavras de um jeito engraçado e esquisito, bem aberto, que mais tarde Mary descobriu que era o sotaque de Yorkshire. (p. 24)

Tradução Linguística: este procedimento baseia-se em traduções já pré-estabelecidas na língua-alvo ou na transparência linguística. O tradutor escolhe uma referência muito próxima àquela do texto-fonte, aumentando sua compreensão pelo leitor-alvo. Contudo, o leitor reconhece o termo como pertencente à cultura do texto-fonte.

Exemplo 2:

TF: She thought of the **Robin** [...] (p. 37)

TT: Depois se lembrou do **pisco-do-peito-ruivo** [...] (p. 38)

Glosa Intratextual: é um procedimento utilizado da mesma forma que o procedimento anterior, com a diferença que, neste procedimento, a explicação referencial é inserida no discurso de modo a não interromper o fluxo da leitura.

Exemplo 3:

¹¹ Os exemplos utilizados nas definições dos procedimentos tradutórios foram extraídos do corpus sob estudo.

TF: [...] over some of the beds there were **glass frames**. (p. 35)

TT: Sobre alguns dos canteiros, placas de vidros **formavam pequenas estufas, uma espécie de casinhas para guardar o calor e proteger as plantas**. (p. 36)

Franco Aixelá (1996, p. 62) compara a glosa intratextual com a explicitação, que tem função de explicar o que não está claro no texto-fonte.

3.2 Substituição

Sinonímia: para evitar a repetição do IEC, o tradutor recorre a um sinônimo ou a uma referência paralela.

Exemplo 4:

TF: But the big breaths of rough fresh air over the **heather** filled her lungs with something [...]. (p. 44)

TT: Mas respirava fundo as grandes lufadas de ar fresco que vinham por cima dos **arbustos espinhentos**. (p. 44)

Universalização Absoluta: o tradutor não encontra um IEC mais conhecido que remeta à cultura do texto-fonte e, portanto, escolhe uma referência neutra para seus leitores.

Exemplo 5:

TF: Mary had stepped close to the **robin** and suddenly [...] (p. 75)

TT: Mary tinha dados uns passos para perto do **passarinho** e, de repente, [...]. (p. 68)

Além de informar que os procedimentos podem e estão combinados, Franco Aixelá (ibid., p. 60) também coloca que “não há nada de estranho em um mesmo tradutor usar diferentes procedimentos para tratar de um item de especificidade cultural potencialmente idêntico no mesmo texto”¹², desde que sejam observadas certas regularidades nas opções escolhidas.

Na seção seguinte, focalizamos a análise dos IECs com vistas a mostrar a presença discursiva da tradutora Ana Maria Machado em suas escolhas tradutórias.

4. Análise de dados

Com a pesquisa empírica realizada, passamos para a análise dos dados através de uma análise textual comparativa (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002, p. 6) entre o texto-fonte, *The Secret Garden*, e o texto-alvo, *O Jardim Secreto* com base em um Corpus Paralelo (COPA-TRAD). Apesar

¹² “There is nothing odd in the same translator using different strategies to treat an identical potential CSI in the same target text” (FRANCO AIXELÁ, p. 60).

do enfoque do estudo ser a tradução, essa análise só pode ser realizada comparando a tradução ao texto-fonte, porém, em nível de linguagem e de contexto cultural.

Os aspectos relevantes a serem investigados nesta pesquisa estão contidos na relação entre duas variáveis. Sendo considerado como variável “algo que muda dentro de um determinado leque de possibilidades”¹³ (ibid., p. 85, tradução nossa). São elas: variáveis de texto e variáveis de contexto. Em se tratando de tradução, como é este caso, como o próprio nome indica, a primeira variável tem a ver com o texto traduzido em si, com o produto. A segunda variável diz respeito ao contexto da tradução. Portanto, este estudo pretende analisar os efeitos do texto sobre o seu contexto. O enfoque de interesse desta análise é investigar como a voz da tradutora Ana Maria Machado se manifesta no texto traduzido, *O Jardim Secreto*. A presença discursiva da tradutora é analisada com vistas à tradução dos itens de especificidade cultural segundo a categorização dos procedimentos de tradução de Franco Aixelá (1996).

Já na análise inicial, observou-se que o corpus desta pesquisa, dentre as categorias estabelecidas por Hermans (1996) que representam a presença discursiva do tradutor no texto traduzido, só apresenta o tipo de presença discursiva que fornece ao seu leitor um referencial informativo. Mais especificamente, o tipo de presença discursiva que fornece um background informativo (Baker, 2010, p. 194), porém, inserido no discurso da tradução. O procedimento de tradução na classificação de Franco Aixelá que melhor representa esse tipo de presença discursiva é a *glosa intratextual*, pois como o próprio nome diz, esse procedimento consiste na aplicação de uma explicação dentro do texto traduzido.

Ao analisar as traduções dos IECs selecionados, observamos que há um tratamento diferenciado na tradução de alguns deles e que esse tratamento diferenciado ainda indica a presença da tradutora. Então, buscou-se uma teoria que fundamentasse a análise desses IECs. Verificou-se que os procedimentos de tradução, na categorização de Franco Aixelá (1996), denominados por ele como *sinonímia*, *repetição* e *universalização absoluta* estão calcados nos princípios da coesão lexical. De acordo com (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004, p. 570), coesão lexical advém da seleção de itens que, de algum modo, estão relacionados com os itens que os precedem. Trazendo a definição de coesão lexical para o campo teórico da tradução, a relação que se estabelece é uma relação de contiguidade, ou seja, uma relação muito próxima entre o significado do IEC do texto-fonte e o significado do IEC do texto-alvo.

Desse modo, a *sinonímia* e a *repetição* são elaborações com base na identidade. No caso da *sinonímia*, como definido por Franco Aixelá (ibid.), o IEC pode ser substituído pela sua definição ou por uma referência paralela. De acordo com Klingberg¹⁴ (1986, p. 19), esse procedimento pode ser considerado uma forma de explicação. Portanto, *sinonímia*, para fins deste trabalho, é considerada uma substituição por uma *glosa intratextual*.

A *universalização limitada* e a *universalização absoluta* têm base em uma relação de contiguidade existente entre o IEC substituído do texto-fonte e o IEC que tomou seu lugar. O que se caracteriza como uma relação metonímica.

¹³ “[S]omething that changes within a given range of options” (Williams & Chesterman, 2002, p. 85).

¹⁴ Embora muitos anos já tenham se passado desde que Klingberg (1986) categorizou os modos de adaptação cultural em LIJ, considera-se válido mencioná-lo, pois a sua categorização de procedimentos tradutórios tendo em mente o leitor infantojuvenil é a única até os dias atuais.

Por *metonímia* entende-se “a substituição, figurada e simbólica, de uma palavra por outra, em virtude de haver entre elas uma relação muitíssimo próxima” (Vaz, 2020)¹⁵. Esta relação de contiguidade se dá, normalmente, do mais geral para o mais específico (do todo para a parte – *universalização limitada*) ou do mais específico para o mais geral (da parte para o todo – *universalização absoluta*). Segundo Vaz (ibid.), para que haja este efeito metonímico é preciso que esta relação “povoe minimamente o imaginário do leitor e essa responsabilidade, em parte, é expressivamente do autor do texto”. Se aplicarmos essa afirmação na tradução de IECs utilizando os princípios metonímicos, tem-se que, ao substituir o IEC do texto-fonte por um IEC da cultura-alvo, o tradutor precisa fazer sua escolha de modo a informar, ou explicar, mesmo que implicitamente, o significado do IEC substituído. Desse modo, a cultura do texto-fonte é apresentada no texto traduzido sem comprometer sua compreensão pelo seu leitor presumido. Nesse contexto, para fins deste estudo, o tipo de presença discursiva, onde o tradutor fornece uma referência cultural, categorizada por Hermans (2010), também está representada nos procedimentos de tradução categorizados por Franco Aixelá (1996), denominados *universalização limitada* e *universalização absoluta*. Embora não tenham sido encontrados, no objeto deste estudo, exemplos de *universalização limitada*.

No levantamento de dados, na fase inicial, foram detectados muitos IECs além dos que são analisados aqui. No entanto, são apresentados neste trabalho somente os IECs, cujos procedimentos utilizados em sua tradução representam a presença discursiva da tradutora Ana Maria Machado como uma voz diferencial na narrativa traduzida. Ou seja, onde foram detectadas as interferências da tradutora no texto traduzido.

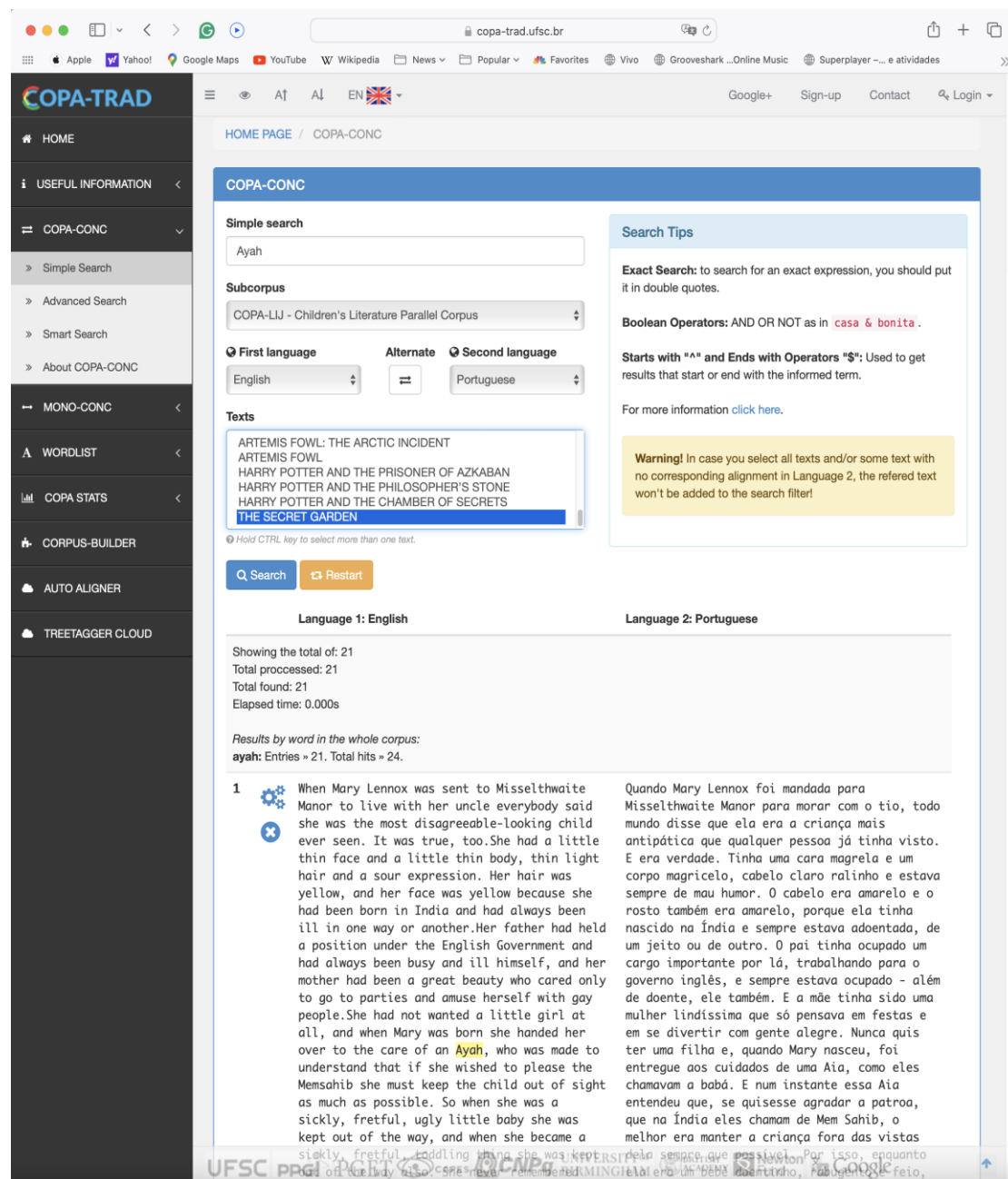
A análise do tratamento dado aos IECs foi realizada com um elemento de cada vez. Porém, foi analisado o mesmo IEC tantas vezes quanto foi tratado pela tradutora de modos diferentes ou semelhantes, desde que houvesse indícios de sua presença discursiva. A seguir, passaremos à análise, propriamente dita, por item de especificidade cultural.

5. Método para análise de vozes tradutórias

Para alcançar o objetivo proposto, utilizamos a ferramenta *copa-conc* do Corpus Paralelo de Tradução – COPA-TRAD, Versão 2.0, disponível no site copa-trad.ufsc.br. Esta ferramenta permitiu visualizar e registrar todas as ocorrências dos termos ou frases pesquisadas, facilitando a análise dos procedimentos de tradução utilizados pela tradutora em relação aos itens de especificidade cultural (IECs) presentes no texto-fonte. A identificação dos IECs foi realizada manualmente, garantindo um enfoque preciso nas expressões e conceitos culturais chaves. Após essa seleção, o COPA-CONC foi utilizado para verificar os procedimentos adotados pela tradutora na tradução desses IECs, auxiliando na detecção de padrões tradutórios regulares em tipos específicos de itens culturais. Os detalhes dessa análise serão apresentados na seção subsequente do artigo. Esta metodologia proporcionou uma compreensão detalhada das estratégias de tradução empregadas, revelando como os elementos culturais foram adaptados para o público-alvo.

Figura 1 — A Ferramenta CoPa-ConC do COPA-TRAD Versão 2.0

¹⁵A definição de metonímia é disponibilizada em uma aula online, aula número 04, proferida pelo Prof. Tarsis Vaz. Disponível em: www.tubecom/watch?v=XtpoGBsXy-M. Acesso em: 08 mai. 2020.



Fonte: copa-trad.ufsc.br

Na Figura 1, podemos observar que o subcorpus selecionado foi o COPA-LIJ, o Corpus Paralelo de Literatura Infantojuvenil, desenvolvido especificamente para estudos de tradução em literatura direcionada ao público infantojuvenil. Para esta análise, selecionamos exclusivamente a obra *The Secret Garden* e sua tradução para o português brasileiro. A ferramenta COPA-LIJ permite a inserção de obras literárias e suas respectivas traduções por pesquisadores, facilitando a análise comparativa entre o texto-fonte e o texto-alvo. Neste contexto, o Item de Especificidade Cultural (IEC) *Ayah* foi traduzido por *Aia*, como eles chamavam a babá. Esta prática tradutória ilustra claramente a voz da tradutora ao optar por inserir informações adicionais no texto traduzido para esclarecer ao seu leitor o significado do termo *Ayah*. Para mais detalhes sobre como essas traduções são analisadas, ver a Seção – Análise das Práticas Tradutórias. A seguir, focalizamos os conceitos e

noções teóricas que norteiam o estudo aqui apresentado, elucidando a utilização do COPA-LIJ como uma ferramenta valiosa na identificação e análise da presença discursiva da tradutora nas obras inseridas.

6. Análise das práticas tradutórias

Forneceremos primeiro uma visão global dos resultados obtidos na análise do corpus paralelo, objeto deste estudo, investigando a presença discursiva da tradutora aplicada aos itens de especificidade cultural, fenômeno sob investigação.

Dentre todos os IECs detectados no texto-fonte, somente na tradução de dezessete deles verifica-se a presença discursiva da tradutora. Esses são os IECs cujas análises compõem o interesse desta pesquisa, tendo sido os demais descartados.

Através da ferramenta de pesquisa COPA-CONC (Figura 1) foi possível encontrar com agilidade e precisão todas as ocorrências no corpus de pesquisa para cada IEC. Estando as palavras-chave dispostas numa linha de concordância, foi possível analisar comparativamente cada uma das ocorrências para cada IEC, para verificar se continham indícios da presença discursiva da tradutora.

A Tabela 1 indica o número de ocorrências para cada IEC e quantas apresentaram evidências da interferência da tradutora na tradução e que, portanto, foram analisadas. É fornecido, também, estatísticas do tratamento dado a cada IEC, em termos mais abrangentes, de grau de manipulação, indicando estatisticamente se a tradutora ao reenunciar o texto-fonte, interferiu no texto traduzido optando pela estratégia de conservação ou de substituição do IEC. E ainda, a escolha da tradutora quanto aos procedimentos de tradução que indicam sua presença discursiva no texto traduzido.

Tabela 1 — Descrição global das estatísticas do corpus da pesquisa

Grau de Manipulação Intercultural							
Itens de Especificidade Cultural	Conservação			Substituição		Ocorrências	
	Repetição	Tradução Linguística	Glosa Intratextual	Sinonímia (Ref. Paralela)	Universalização Absoluta	Total	Analisadas
Ayah	0	1	1	0	0	1	1
Mensahib	1	0	1	1	0		1
Missie Sahib	0	0	1	1	0		1
Yorkshire	1	0	5	2	2	5	5

Manor	0	0	1	0	1	8	1
Heather-Gorse-Broom	0	1	1	0	0		1
Heather	0	0	5	3	2	4	5
Gorse	0	0	1	1	0		1
Broom	0	0	0	0	0		0
Salaam	0	0	3	3	0		3
Glass frame	0	1	2	0	0		1
Kitchen-gardens	0	1	2	1	0		2
Robin	0	1	2	0	1	0	2
Crocuses-Snowdrops-Daffidowndilly	1	1	1	0	0		1
Crocuses	0	1	1	0	0		1
Daffidowndilly	0	1	1	0	0		1
Snowdrops	0	1	1	0	0		1
TOTAL	3	9	29	12	6	25	28

Fonte: autores

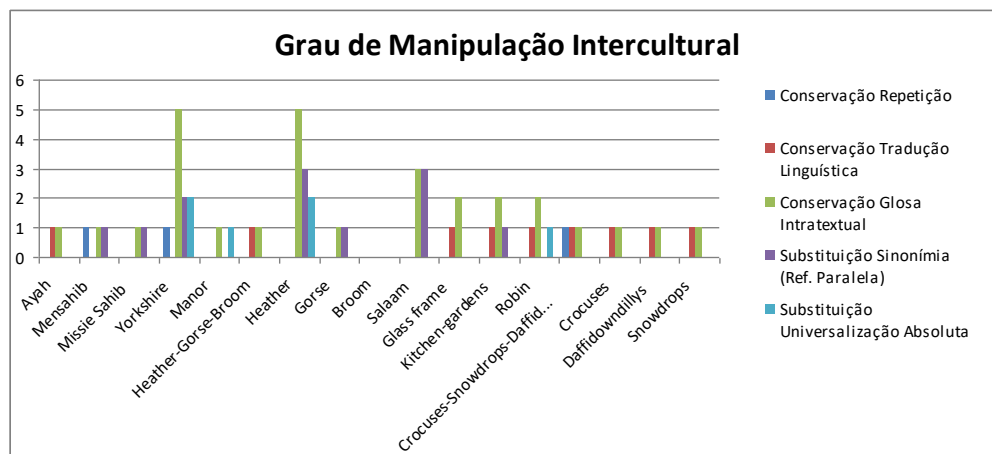
Pode-se observar que a Tabela 1 compila estatísticas dos procedimentos de tradução usados para itens de especificidade cultural (IECs) em um estudo de corpus de tradução, categorizando-os em "Conservação" (como *repetição* e *tradução linguística*) e "Substituição" (incluindo *glosa intratextual*, *sinonímia (ref. paralela)* e *universalização absoluta*). A coluna "Total" representa a soma de todas as ocorrências de cada procedimento de tradução no corpus, destacando quais estratégias são mais prevalentes. Esta análise quantitativa ajuda a revelar como os tradutores abordam a adaptação de conceitos culturais complexos para tornar o texto acessível ao público-alvo, fornecendo uma visão clara sobre a frequência e a preferência de métodos de tradução dentro do estudo, evidenciando as dinâmicas e desafios da tradução intercultural.

Na Figura 2 abaixo, pode ser visualizada a variabilidade de tratamento para cada IEC, como, por exemplo, o IEC *Yorkshire* que teve um tratamento equilibrado entre a *substituição sinonímia* e a *substituição universalização absoluta* e menos *conservação por repetição*. Verifica-se um predomínio da *glosa intratextual*, contudo esse procedimento tradutório aparece sempre combinado com outro procedimento, como informou Franco Aixelá (1996).

Observa-se, através desse gráfico, que, apesar das diversas ocorrências no corpus desta pesquisa em termos de procedimentos adotados, normalmente para cada IEC só há a interferência da tradutora no texto traduzido sob estudo na primeira ocorrência em que ele aparece. Provavelmente a tradutora com sua sensibilidade de escritora de LIJ considerou relevante adicionar uma referência cultural apenas na primeira ocorrência para todos os IECs que supostamente seriam desconhecidos ao

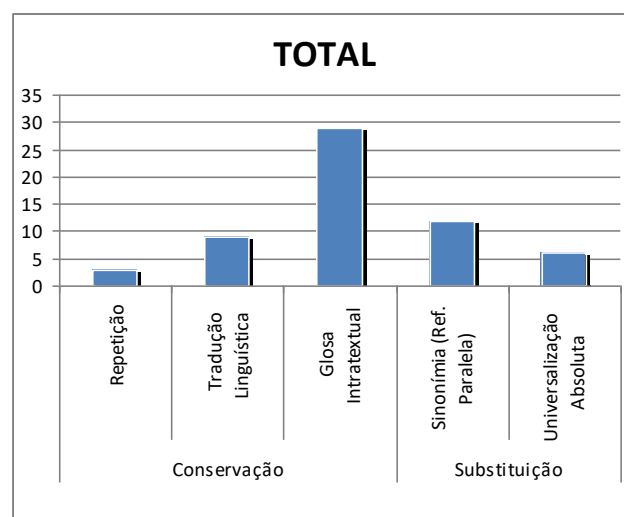
leitor presumido. Verificou-se, no caso de *Yorkshire*, que a variabilidade na escolha de procedimentos tradutórios, sempre indicando a presença discursiva da tradutora, é relevante, pois é um meio da tradutora fazer uma compensação para não escrever de forma tão idiomática, como acontece no texto-fonte, tornando o texto-alvo mais compreensível e de mais fácil leitura, sem afastar-se do texto-fonte.

Figura 2 — Grau de manipulação e procedimentos de tradução por item de especificidade cultural



Fonte: autores

Figura 3 — Grau de manipulação e procedimentos de tradução



Fonte: autores

Observa-se na Figura 3, através dos procedimentos tradutórios utilizados pela tradutora, que, apesar do predomínio da *glosa intratextual*, por ser de uso combinado, há um balanço no grau de manipulação do texto traduzido. Porém, verifica-se que os procedimentos *sinonímia* e *tradução linguística*, que se apresentam em maior número na tradução, não repetem o IEC do texto-fonte.

Contudo, são representações da presença discursiva da tradutora tornando o texto-alvo mais familiar ao seu leitor presumido, sem deixar de apresentar a cultura do texto-fonte.

A seguir, analisamos em detalhe 8 (oito) dos 17 (dezessete) IECs apresentados na Tabela 1, com o intuito de explorar como a tradutora da obra se insere discursivamente no texto traduzido. A escolha desses 8 IECs visa proporcionar uma análise abrangente e representativa dos procedimentos adotados pela tradutora ao lidar com termos específicos do contexto cultural do texto-fonte. Ao examinar minuciosamente cada um desses IECs, buscamos identificar padrões e nuances na abordagem da tradutora, evidenciando as escolhas interculturais que moldam a narrativa e influenciam a compreensão do leitor em relação aos elementos culturais intrínsecos à obra. Essa análise aprofundada contribuirá para uma compreensão mais completa do papel da tradutora na construção do discurso traduzido e na transmissão eficaz de elementos culturais para o leitor do texto final.

1 – *AYAH*

Significado: Mulher encarregada da educação doméstica de crianças ilustres. Criada de uma dama nobre; Camareira: a aia da rainha¹⁶.

De acordo com seu significado, esse item lexical implica em uma diferença de status entre as duas culturas envolvidas. No contexto do texto-fonte, *Ayah* é muito mais um costume imperialista da Índia do que uma profissão, como é considerada a babá brasileira. Por essa razão, é considerado, aqui, como um IEC e faz parte da categoria expressões comuns na classificação de Franco Aixelá (1996).

Fazendo a busca de ocorrências por palavra-chave, entrando com o IEC *ayah* na ferramenta *Simple Search* do CoPa-Trad¹⁷, obteve-se um resultado de 21 pares linguísticos. Contudo, apenas na primeira ocorrência há marcas da interferência da tradutora e, portanto, as demais foram descartadas.

Exemplo 1

TF: [...] she handed her over to the care of an Ayah , [...]. (p. 1)	TT: [...] foi entregue aos cuidados de uma Aia , como eles chamavam a babá . (p. 1)
--	--

Acima, o primeiro quadro representa o texto-fonte (doravante TF) e o segundo, o texto traduzido (doravante TT). Verifica-se que a tradutora se utilizou de uma tradução já estabelecida na língua portuguesa para o IEC em questão: *Ayah* – *Aia*.

Porém, uma vez que termo traduzido não remete ao seu significado real na língua-fonte, ela adicionou uma explicação, sinalizando, com esse procedimento, que tinha em mente um leitor infantojuvenil e sua compreensão, justificando, então, a informação adicional: “como eles chamavam a babá”.

Este é um caso típico de acréscimo de informação ou referência cultural, incrementada pela tradução, tal como categoriza Hermans (1996).

¹⁶ Significado obtido em: HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1. Edição. Objetiva: Rio de Janeiro, 2009.

Neste exemplo, a tradutora utilizou uma combinação de procedimentos tradutórios do tipo conservativo, quanto ao grau de manipulação intercultural: *tradução linguística + glosa intratextual*.

2 – MENSAHIB

Significado: Mensahib era o termo usado para dirigir-se a mulheres brancas na Índia, especialmente no período de domínio britânico. Também utilizado para referir-se ou dirigir-se com respeito a mulheres casadas de classes mais abastadas. É um termo arcaico. *Sahib* significa: homem, patrão, autor, comandante, lorde, mestre. *Sahiba* era a forma autêntica de dirigir-se a uma mulher, porém, na época em que a Índia estava sob o domínio do Império Britânico esse termo sofreu uma adaptação: a junção do termo ‘*ma’am*’ com o termo *Sahib*, o que resultou no termo *Mensahib*¹⁸.

A partir de sua definição observa-se que o nome *Mensahib* é uma forma de tratamento que traz as implicações da sociedade britânica na época do seu império na Índia. Portanto, é uma palavra que faz parte apenas da cultura do texto-fonte e, portanto, não familiar ao leitor infantojuvenil brasileiro.

Novamente aqui foi realizada a busca de ocorrências, desta vez para o termo de busca *Mensahib*. Foram encontradas duas ocorrências desse IEC e somente na primeira ocorrência há a clara interferência da tradutora no texto traduzido:

Exemplo 1

TF: [...] if she wished to please the Memsahib .	TT: [...] se quisesse agradar a patroa , <u>que na Índia eles chamam de Mem Sahib</u> [...]
--	---

Neste exemplo, a tradutora enfrenta o desafio de traduzir o termo *Memsahib*, que carrega conotações culturais específicas do contexto indiano sob domínio britânico. No texto traduzido, a tradutora opta pela sinonímia ao substituir *Memsahib* por *patroa*, um termo genérico em português que aproxima o significado original ao contexto do leitor-alvo. Esta escolha preserva a funcionalidade do termo no texto, mantendo a relação de subordinação implícita.

Adicionalmente, a tradutora emprega uma *glosa intratextual* ao adicionar a explicação *que na Índia eles chamam de Mem Sahib*. Isso não apenas esclarece o termo original, mas também enriquece o texto com um contexto cultural que pode ser desconhecido para o público-alvo. Este acréscimo serve para informar o leitor sobre a nomenclatura específica usada na Índia, garantindo que a tradução seja acessível sem perder suas nuances culturais.

A separação dos termos *Mem* e *Sahib* na glosa pode ser uma decisão estilística para alinhar com outras referências culturais mencionadas no texto, como *Missie Sahib*, ou pode refletir uma variação textual presente no próprio texto-fonte. Embora a análise das motivações exatas da tradutora não seja o foco deste estudo, é evidente que a combinação de *sinonímia* com *repetição* e *glosa*

¹⁸ Significado encontrado em: COWIE, A. P. *Advanced Learner's Dictionary of Current English*. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

intratextual foi estrategicamente utilizada para adaptar o termo de maneira culturalmente sensível e informativa.

3 – MISSIE SAHIB

Significado: O termo *Sahib* originalmente significa *homem* ou *patrão* em hindi. A forma feminina, *Sahiba*, foi adaptada durante o período do Império Britânico na Índia, onde perdeu o *a* final e foi combinada com a palavra inglesa *ma'am*, resultando em *Memsahib*. Já *Missie* é uma forma carinhosa e diminutiva derivada de *Miss*, usada para se referir a jovens senhoritas solteiras. Portanto, *Missie Sahib* no contexto do Império Britânico na Índia traduz-se como *pequena patroa* ou *patroinha*, indicando um tratamento respeitoso e ao mesmo tempo afetuoso para uma jovem mulher de posição social elevada.

Durante a análise do corpus, o termo *Missie Sahib* foi encontrado em duas ocorrências. No entanto, como ambas representavam o mesmo tipo de presença discursiva e tratavam do mesmo IEC, optou-se por descartar uma das ocorrências na análise final. Esta decisão foi tomada para evitar redundâncias e focar na interpretação mais clara da intervenção da tradutora.

Exemplo 1

TF: [...] none of them even remembering that there was a Missie Sahib (p. 7).	TT: [...] nenhum se lembrou da Pequena Sahib (p. 14).
---	---

Neste trecho, a tradução manipula elementos culturais específicos para adaptar o texto ao público alvo de maneira acessível. A frase do texto-fonte, *Missie Sahib*, é traduzida como *Pequena Sahib*, onde *Missie* foi substituído por *pequena*, um sinônimo em português que retém a conotação de diminutivo e carinho, similar à expressão original em inglês. Esta substituição é um exemplo claro de *sinonímia*, em que um termo é trocado por outro com significado equivalente, mas mais familiar ao público alvo.

A manutenção do termo *Sahib*, por outro lado, é um exemplo de *repetição*, uma técnica de conservação que preserva parte do item cultural específico, mantendo a autenticidade do contexto cultural do texto-fonte. Essa decisão de manter *Sahib* intacto provavelmente se deve ao seu reconhecimento potencial ou ao seu significado importante dentro do contexto cultural do texto.

A combinação desses dois procedimentos — *sinonímia (referência paralela)* + *repetição* — resulta em uma tradução que equilibra habilmente a necessidade de compreensibilidade com a manutenção de elementos culturais essenciais. Além disso, a *sinonímia* aplicada ao primeiro termo atua também como uma *glosa intratextual*, fornecendo clareza adicional sem interromper o fluxo narrativo. Esta glosa ajuda a esclarecer o significado de *Sahib* para os leitores que podem não estar familiarizados com o termo, aumentando a acessibilidade do texto traduzido enquanto preserva suas nuances culturais.

4 – YORKSHIRE

Significado: *Yorkshire* é um topônimo, ou seja, nome do maior condado histórico da Inglaterra. *Yorkshire* também significa o dialeto que se refere às variedades de inglês usadas na Inglaterra do Norte, condado histórico de Yorkshire¹⁹

Buscando pelas ocorrências desse IEC, resultou em 45 pares encontrados. Todos foram analisados e apenas alguns selecionados, já que em muitos pares *Yorkshire* significa o condado histórico da Inglaterra. Quando o termo tem esse significado, a tradutora optou por não interferir e apenas o repetiu. Esses casos não são de interesse desta pesquisa porque não representam a presença da tradutora. Em apenas um dos casos, o primeiro a ser discutido abaixo, há a presença discursiva da tradutora, e, portanto, é analisado aqui.

Por outro lado, quando o termo *Yorkshire* significa o dialeto de Yorkshire, houve várias interferências da tradutora. Ainda assim, algumas ocorrências repetem o tratamento dado pela tradutora, então foram desconsiderados. Segue a análise:

Exemplo 1

TF: She sobbed so unrestrainedly that good-natured Yorkshire Martha was a little frightened and quite sorry for her (p. 28).	TT: Chorou tanto que a boa Mana ficou um pouco assustada e com muita pena (p. 31).
--	--

Neste exemplo, observamos como a tradutora lidou com a expressão *Yorkshire Martha*, um item de especificidade cultural que designa não só o nome da personagem, mas também a sua origem geográfica e as conotações culturais associadas ao seu modo de falar e sua natureza afável. A tradutora optou por substituir *Yorkshire Martha* por *Mana*, uma escolha que transforma o nome próprio em uma expressão mais genérica e culturalmente neutra para o público brasileiro, mas que ainda mantém a conotação de afabilidade.

Além disso, ao omitir a referência direta a *Yorkshire*, a tradutora emprega uma técnica de *glosa intratextual* para adaptar o texto de forma que as qualidades de Martha sejam comunicadas sem especificar sua origem geográfica, o que poderia ser irrelevante ou desconhecido para os leitores brasileiros.

Portanto, a combinação de *sinonímia (referência paralela)* + *glosa intratextual* nesta tradução resulta em uma tradução cuidadosa que preserva a intenção do texto-fonte enquanto adapta sua forma para garantir relevância e compreensibilidade no texto-alvo. A tradução não apenas substitui palavras, mas reinterpreta o conteúdo, assegurando que as características essenciais de Martha sejam compreendidas pelo público brasileiro sem a necessidade de contextualização geográfica específica.

Exemplo 2

¹⁹ Significado disponível em: COWIE, A. P. *Advanced Learner's Dictionary of Current English*. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

TF: [...] pronouncing his words in a queer broad fashion which Mary found out afterward was Yorkshire (p. 19).	TT: [...] pronunciando as palavras de um jeito engraçado e esquisito, bem aberto, que mais tarde Mary descobriu que era o <u>sotaque de Yorkshire</u> (p. 24).
--	---

Nesse excerto, o termo *Yorkshire* é conservado através do procedimento tradutório da *repetição* e continua com o mesmo significado, como já informado no exemplo anterior: *Yorkshire – Yorkshire*.

Na tradução foi adicionada uma *glosa intratextual*, fornecendo uma referência do seu significado para o leitor brasileiro, sem deixar de mostrar a diversidade cultural do TF. É bastante clara a interferência da tradutora ao incluir a seguinte informação: *sotaque de Yorkshire*. Neste caso, os procedimentos tradutórios utilizados são: *repetição + glosa intratextual*.

Exemplo 3

TF: Where the footman and upper-housemaids made fun of her Yorkshire speech and looked upon her as a common little thing (p. 48).	TT: Onde o lacaio e as copeiras riam de seu jeito de falar e a olhavam de cima para baixo, cochichando pelos cantos (p. 46).
---	--

O IEC *Yorkshire* do TF vem acompanhado pelo termo *speech*: *Yorkshire speech*.

No TF, esse termo se refere especificamente ao dialeto de Yorkshire, destacando um elemento cultural e linguístico particular que caracteriza a fala da personagem. Na tradução para o português, a tradutora optou por substituí-lo por *jeito de falar*, uma expressão mais neutra e compreensível para o público alvo. Esta substituição é um exemplo de *sinonímia*, conforme categorizado por Franco Aixelá (1996), pois a tradutora escolhe uma referência paralela que mantém a intenção original, mas adapta o conteúdo culturalmente específico para um contexto mais familiar ao leitor-alvo.

Além disso, a expressão *jeito de falar* funciona como uma *glosa intratextual*, pois esclarece o significado implícito de *Yorkshire speech* sem necessitar de notas adicionais ou explicações externas ao texto. Essa escolha reflete a interferência direta da tradutora no texto, evidenciando seu papel ativo na mediação cultural e na facilitação da compreensão por parte dos leitores. Ao fazer isso, a tradutora não apenas traduz literalmente, mas reinterpreta o texto de modo a preservar sua acessibilidade e relevância cultural.

A voz da tradutora, nesse caso, se faz presente no TT através da combinação de dois procedimentos tradutórios: *sinonímia (referência paralela) + glosa intratextual*.

Exemplo 4

TF: Doesn't tha' understand a bit o' Yorkshire when tha' hears it? (p. 187)	TT: Ce não entende essa língua ? (p. 160)
---	---

Neste exemplo, verifica-se que na tradução do IEC há uma relação de contiguidade indo do termo mais específico para o mais abrangente: *Yorkshire* – *língua*.

Da parte para o todo, constituindo-se por uma relação metonímica, que para sua elaboração exige a interferência do tradutor. A interferência do tradutor neste caso é necessária para que, ao elaborar essa relação metonímica, o tradutor consiga explicar minimamente ao seu leitor presumido, o significado contido no IEC da cultura do texto-fonte. Portanto, nesta pesquisa, essa explicação implícita é considerada uma *glosa intratextual*. Dentre as categorias de Franco Aixelá que têm como base o princípio metonímico, a categoria utilizada neste exemplo é a chamada de *universalização absoluta*. Nesse sentido, os procedimentos utilizados na tradução do termo *Yorkshire* nesta ocorrência foram: *universalização absoluta* + *glosa intratextual*.

Exemplo 5

TF: She had never made a long speech in Yorkshire before and she had remembered very well (p. 186).	TT: Quando parou, estava orgulhosa. Tinha conseguido falar um tempão em dialeto (p. 159).
---	---

No exemplo a seguir, foi dado o mesmo tratamento que no exemplo anterior. A tradutora substitui o termo *Yorkshire*, que é um tipo de fala mais específica, por outro IEC mais abrangente, mas que preserva sua relação de contiguidade: *Yorkshire* – *dialeto*.

O termo “dialeto” está bem mais próximo do leitor do TT e consegue explicar o significado do termo substituído. Esse procedimento caracteriza a *universalização absoluta*. Percebe-se também aqui a presença da tradutora: *universalização absoluta* + *glosa intratextual*.

5 – MANOR

Significado: palavra derivada do *manoir* francês, que significa casa, residência ou habitação. Para os ingleses, *manor* significa a mansão de um lorde incluindo suas terras, um castelo ou propriedade real²⁰.

Na busca pelas ocorrências da palavra *manor* no corpus desta pesquisa, 18 pares foram encontrados. No entanto, só em uma das ocorrências a tradução do IEC implica a presença discursiva da tradutora como uma segunda narradora, fornecendo um referencial informativo.

Exemplo 1

²⁰ Informações disponíveis em: COWIE, A. P. Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

TF: [...] before we get to the Manor (p. 20).	TT: [...] antes de chegar à mansão (p. 24).
--	--

Mais uma vez aqui o tratamento dado na tradução do IEC *manor* segue o princípio da *metonímia*: *manor* – *mansão*.

A relação estabelecida é do específico para o mais geral. Os procedimentos adotados na tradução são: *universalização absoluta* + *glosa intratextual*.

6 – SALAAM

Significado: Significa *paz*. É também uma cerimônia de saudação, de cumprimento respeitoso, cuja performance é comum em países islâmicos²¹. É também sinônimo de exagero, excesso de cuidados, usado, algumas vezes, em tom de chacota.²²

Buscando as ocorrências pela palavra *salaam(s)*, foram encontradas quatro ocorrências, mas uma foi descartada, pois não apresentava a presença discursiva da tradutora:

Exemplo 1

TF: [...] they're servants who must salaam to you (p. 28).	TT: São criados que devem se curvar diante da gente (p. 31).
---	---

A tradutora optou por substituir o termo estrangeiro *salaam* por uma referência paralela, que é a própria definição do termo. A interferência da tradutora neste exemplo aparentemente propicia uma melhor compreensão do texto traduzido: *sinonímia (referência paralela)* + *glosa intratextual*.

Exemplo 2

TF: [...] not accustomed to salaam to his masters, [...] (p. 91).	TT: [...] não estava acostumado a ficar fazendo rapapés e salamaleques ²³ para os patrões, [...] (p. 80).
--	---

Aqui a tradutora optou por substituir o termo estrangeiro (verbo) *to salaam* por sua *tradução linguística*, já dicionarizada na língua portuguesa brasileira: *To salaam – a ficar fazendo salamaleques*.

²¹ Significado disponível em: COWIE, A. P. Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

²² *ibid.*

²³ Significado disponível em: Significado obtido em: HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1. Edição. Objetiva: Rio de Janeiro, 2009.

Ainda acrescentou uma referência cultural para remeter ao significado do texto-fonte, de exagero, tom de chacota, alusão à cultura da Índia no período de domínio do Império Britânico. Também em função de tornar o texto mais fluído sem afastar-se do texto-fonte: “a ficar fazendo **rapapés**”. Dentro dos procedimentos utilizados pela tradutora aqui, destacam-se: Tradução Linguística + Glosa Intratextual

Exemplo 3

TF: [...] he had to command his servants to approach with salaams and receive his orders (p. 193).	TT: [...] ele fazia os gestos de dar ordens aos criados para que se aproximassem, cheio de medidas e salamaleques (p. 165).
--	---

Situação similar ao exemplo anterior, mas aqui a glosa é representada da seguinte forma: *cheio de medidas*, o que de certa forma impacta a consistência do IEC já traduzido. Os procedimentos escolhidos pela tradutora continuam os mesmos: *tradução linguística + glosa intratextual*.

7– GLASS FRAME

Significado: Estufa com estrutura de ferro, coberta com vidro para conservar o calor do sol, normalmente utilizada para cultivar plantas e flores. Muito usada como ornamento em jardins em países com inverno rigoroso²⁴.

Duas ocorrências foram encontradas, porém, apenas na primeira observa-se a presença discursiva da tradutora.

Exemplo 1

TF: [...] over some of the beds there were glass frames (p. 35).	TT: Sobre alguns dos canteiros, placas de vidros formavam pequenas estufas, uma espécie de casinhas para guardar o calor e proteger as plantas (p. 36).
--	---

Neste exemplo, ocorre a representação da voz da tradutora como presença discursiva no texto traduzido: *glass frames – placas de vidros formavam pequenas estufas*.

O primeiro procedimento consiste na tradução linguística do IEC *glass frame* pela tradução já estabelecida na língua portuguesa *estufas*. Então, é fornecida uma explicação no texto do significado de *estufa*. A tradutora ainda aplicou mais uma glosa inserida no discurso do texto traduzido: *uma espécie de casinhas para guardar o calor e proteger as plantas* (p. 36). Os procedimentos usados foram: *tradução linguística + glosa intratextual + glosa intratextual*.

8 - ROBIN

²⁴Significado disponível em: COWIE, A. P. Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

Significado: Pássaro norte-americano, com peito vermelho - alaranjado²⁵.

Foram encontradas oitenta e uma ocorrências. No entanto, em apenas duas encontramos a situação categorizada por Hermans (1996) que representa a presença discursiva da tradutora.

Exemplo 1

TF: She thought of the Robin and [...] (p. 37).	TT: Depois se lembrou do pisco-do-peito-ruivo, o passarinho que tinha visto [...] (p. 38).
---	--

A tradutora faz uma *tradução linguística*, pois a língua do texto-alvo já conta com a tradução estabelecida do IEC do texto-fonte: *robin – pisco-do-peito-ruivo*.

Em seguida, acrescenta uma glosa no discurso, de modo a indicar o significado do IEC do texto-fonte ao leitor presumido: *o passarinho que tinha visto*. Procedimentos adotados: *tradução linguística + glosa intratextual*.

Exemplo 2

TF: Mary had stepped close to the robin [...] (p. 75).	TT: Mary tinha dados uns passos para perto do passarinho [...] (p. 68).
--	---

Nesta ocorrência há uma substituição do mais específico para o mais geral ou da subclasse para a classe, consistindo numa relação metonímica: *Robin – passarinho*. Procedimentos combinados: *universalização absoluta + glosa intratextual*.

A análise apresentada buscou oferecer uma visão abrangente dos procedimentos adotados pela tradutora ao lidar com termos específicos do contexto cultural do texto-fonte. Ao examinar os 8 (oito) IECs aqui selecionados, identificaram-se padrões e nuances nas escolhas interculturais da tradutora, evidenciando como tais decisões moldaram a narrativa e influenciaram a compreensão do leitor em relação aos elementos culturais presentes na obra. Os exemplos apresentados revelaram as interferências da tradutora, destacando procedimentos como *sinonímia*, *repetição*, *glosa intratextual*, *universalização absoluta* e *tradução linguística*. Desse modo, conclui-se que a voz da tradutora se faz presente no discurso do texto que traduziu como uma segunda voz, uma voz diferente da voz do narrador, que interfere em favor do público-alvo.

7. Resultados alcançados

Este estudo buscou investigar como a voz da tradutora Ana Maria Machado se manifesta na tradução da obra *The Secret Garden* para o português brasileiro, através da análise de itens de

²⁵ Significado disponível em: COWIE, A. P. *Advanced Learner's Dictionary of Current English*. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

especificidade cultural (IECs). Os resultados obtidos demonstram de forma concreta como a tradutora não apenas preserva o conteúdo cultural do texto-fonte, mas também adapta esses elementos para o contexto do leitor-alvo.

Através da aplicação de técnicas de corpus paralelo, identificamos padrões consistentes de intervenção por parte de Ana Maria Machado nos IECs analisados. A tradutora frequentemente empregou a técnica de *glosa intratextual*, inserindo explicações dentro do texto traduzido que não existiam no original. Este procedimento foi especialmente prevalente em termos que poderiam ser culturalmente obscuros para o público infantojuvenil brasileiro, como demonstrado pela adaptação do termo *glass frame* para *placas de vidro formando pequenas estufas*, fornecendo uma contextualização clara e direta do objeto em questão.

Além disso, nossa análise revelou que a tradutora optou por uma mistura de conservação e adaptação. Por exemplo, no caso da palavra *ayah*, que no contexto original refere-se a uma babá em um ambiente imperialista indiano, a tradutora escolheu adaptar o termo para *aia*, um termo português com uma conotação histórica semelhante, adicionando uma explicação para esclarecer o termo ao leitor. Este achado sugere um procedimento deliberado de manter o sabor cultural do texto-fonte, enquanto se garante a acessibilidade e compreensibilidade para o leitor-alvo.

Portanto, concluímos que a presença discursiva da tradutora Ana Maria Machado é evidenciada de maneira distinta e intencional, reenunciando o texto-fonte de uma maneira que respeita e celebra tanto a cultura original quanto a do leitor-alvo. A voz da tradutora, portanto, atua como uma ponte cultural que não só traduz literalmente, mas também contextualiza e adapta o texto de maneira a enriquecer a experiência do leitor brasileiro.

Estes resultados não apenas evidenciam a constatação de que a tradutora tem uma voz ativa e clara no texto traduzido, como também destacam a importância de abordagens narrativas e culturais na tradução literária, especialmente em obras destinadas ao público infantojuvenil.

Referências Bibliográficas

BAKER, M. (Ed.) **Critical readings in translation studies**. London and New York: Routledge, 2010.

BURNETT, F. H. **The secret garden**. London: Puffins books, 1911.

BURNETT, F. H. Tradução: Ana Maria Machado. **O Jardim Secreto**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

COILLIE, J. V. Characters in Translation: A Functional Approach. In: Coillie, J. V.; VERSCHUEREN, W. P. (ed.) **Children's literature in translation: challenges and strategies**. Manchester: St. Jerome, 2006.

COILLIE, J. V.; VERSCHUEREN, W. P. **Children's literature in translation: challenges and strategies**. Manchester: St. Jerome, 2006.

COWIE, A. P. **Advanced learner's dictionary of current English**. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

FERNANDES, L.; SILVA, C. E. **COPA-TRAD versão 2.0 (Corpus Paralelo de Tradução)**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://copa-trad.ufsc.br>. Acesso em: 04 out. 2016.

FERNANDES, L. ***Brazilian Practices of Translating Names in Children's Fantasy Literature: A Corpus-Based Study***. 2004. (Unpublished PhD Thesis, Universidade Federal de Santa Catarina, SC).

FRANCO AIXELÁ, J. Culture-Specific Items in Translation. In: Álvarez, R.; Vidal, C. **Translation, power, subversion**. Clevedon. Multilingual Matters, 1996.

GOMES, J. V. **A Voz da tradutora como presença discursiva na tradução de *The Secret Garden***. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC. 2011. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/95567/300948.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

HALLIDAY, M.A.K & MATTHIESSEN, C.M.I. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 2004.

HERMANS, T. The Translator's Voice in Translated Narrative. In: **Critical readings in translation studies**. Edited by Mona Baker. London and New York. Routledge, 193-212, 2010.

HERMANS, T. *Translation, Ethics, Politics*. In: MUNDAY, J. (ed.). **The Routledge companion to translation studies** – Revised Edition. London and New York: Routledge, 2009.

HERMANS, T. Translation's Other. [lecture] Presented at: **Inaugural Lecture**, Disponível em https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/198/1/96_Inaugural.pdf, University College London, 1996.

HOUAISS, A.; Villar, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. Edição. Objetiva: Rio de Janeiro, 2009.

KLINGBERG, G. **Children's fiction in the hands of the translators**. Lund. Sweden. CWK Gleerup. 1986.

LATHEY, G. **The role of translators in children's literature: invisible story tellers**. New York and London: Routledge, 2010.

OLOHAN, M. **Introducing corpora in translation studies**. New York. Routledge, 2004.

SHAVIT, Z. **Poetics of children's literature**. Athens / London: The University of Georgia Press, 1986.

VAZ, Tarsis. Aula n. 4: Metonímia. [S.l.], 2020. 1 vídeo (10min 33seg.). Disponível em: www.youtube.com/watch?v=XtpoGBsXy-M. Acesso em: 8 maio 2020.

VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. London – New York: Routledge, 1995.

WILLIAMS, J., CHESTERMAN, A. **The map: a beginner's guide to doing research in translation studies**. United Kingdom: St. Jerome Publishing 2002.